



## O MITO E O EGOCENTRISMO EM O RETRATO DE DORIAN GRAY

Maria Josélia da Silva Maciel Gonçalves <sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo examinar a obra O retrato de Dorian Gray (1890), de Oscar Wilde, na perspectiva mitológica. A princípio, é realizada uma breve apresentação da obra O retrato de Dorian Gray e suas características relevante entre o mito de Narciso, o mito de Fausto com o Jovem Dorian Gray implícitos na obra, levando em conta a importância do estudo da mitologia. Em seguida é abordado a semelhança entre Dorian Gray com o mito de Narciso da Mitologia Grega o qual simboliza a estética masculina da época, sua vaidade e o seu egocentrismo narcisista, além de Fausto um dos mitos mais importantes da literatura. Apresenta-se também, uma breve contextualização biográfica de Oscar Wilde, destacando seu estilo pomposo e suas vivências na época vitoriana, além de dados relevantes sobre o surgimento de seu único romance, bem como conceitos acerca da Era Vitoriana. Destaca-se, portanto, que essa vida extravagante trouxe melancolia e solidão a Dorian Gray, fazendo-o se arrepender, mesmo que brevemente, e tentar compensar o mal que causou a si mesmo e aos outros. No entanto, a degeneração interior estava já num ponto extremo, ponto este que compeliu Dorian a um fim trágico: matar-se, ao apunhalar seu retrato, única testemunha dos seus crimes. Resultado inescapável a todo que tenta matar a própria alma que denuncia uma consciência corrupta.

**Palavras-chave:** Oscar Wilde, Narciso e Fausto, Dorian Gray, Mitologia.

### INTRODUÇÃO

Oscar Wilde, escritor irlandês residindo na Inglaterra, escreveu seu nome no cânone da literatura inglesa e universal pelos seus modos, escandalosos e extravagantes para sua época, bem como por alguns dos seus escritos, dos quais o romance O Retrato de Dorian Gray destaca-se por abordar temas como o duplo, o pacto fáustico, a homossexualidade entre outros.

A propósito, em O Retrato de Dorian Gray, a temática do duplo não é abordada como nos outros trabalhos do seu tempo, mas os transcende, residindo a perspectiva de uma vida dividida não na personalidade de um homem apenas, mas em toda a sociedade puritana que o condena por ser escandaloso e "sodomita";

O tema do "duplo" aparece em muitas obras no século XIX, como O Médico e o Monstro de Stevenson e o Sósia, de Dostoiévski. Trata-se do conflito entre o eu sujeito às misérias da carne e o eu moral. O monstro e o anjo no homem. Oscar Wilde dá a este tema uma singular alteração, pois ele faz da beleza de Dorian o elemento não angélico, mas diabólico, enquanto o retrato monstruoso era o único que mostrava como Dorian Gray era na verdade.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras Língua Portuguesa/Inglês pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Professora de Língua Portuguesa da ECIT Cristiano Cartaxo. mariajoselia.maci5@gmail.com.



O amor pela própria imagem, que foi a ruína de Dorian e de Narciso, existia não apenas no romance, mas em toda a sociedade, que amava a própria ideia de ser austera, ocultando os subsolos do coração e da paixão humanas.

A sociedade vitoriana era uma sociedade austera, altamente comprometida com os hábitos morais e exteriores, ou seja, em bom termo puritano, os cidadãos deveriam dar bom testemunho, comportar-se como cavalheiros, evitar temas e comportamentos escandalosos, em suma: ser castos. Contudo, no subsolo dessa aparente moralidade, havia os desvios e perversões. Ninguém queria combater os vícios, apenas odiavam que os deixasse amostra.

A sociedade estava, portanto, pronta a fazer qualquer coisa para manter sua aparência, inclusive comprometer sua alma. Daí o “pacto” para a manutenção das aparências. Como Narciso, estavam apaixonados por sua forma exterior. O que Oscar Wilde, em seu livro, faz é condensar tudo isso na figura de um jovem que representaria não só a beleza, mas a decadência de uma época. O romance de Oscar Wilde foi um escândalo porque revelou, através da face desfigurada de O Retrato de Dorian Gray, toda a fealdade que a sociedade vitoriana queria ocultar.

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo geral examinar a obra O retrato de Dorian Gray (1890), de Oscar Wilde, na perspectiva mitológica. Para tanto, objetiva-se, outrossim, discorrer sobre o significado conceitual de mito, com o mister de apresentar com qual significação este termo é empregado no trabalho; apresentar o contexto em que a obra O Retrato de Dorian Gray veio a lume, suas características, ideias e impacto social; e discutir o romance através do mito de Narciso e da lenda de Fausto, a fim de obter maior conhecimento sobre a obra e seu impacto cultural que se estende até hoje.

Assim, ao analisar esse romance sob a chave interpretativa do mito, objetiva-se não só entendê-lo, enquanto texto, mas demonstrá-lo como parte de uma tradição literária que se remete aos mitos, demonstrando, portanto, que esse romance vitoriano é, mais do que somente um livro, uma fonte de riqueza humana e humanizadora da qual todos devem tomar posse.

## **METODOLOGIA**

Neste estudo, adotou-se uma abordagem qualitativa, centrada em uma pesquisa bibliográfica dedicada à obra de Oscar Wilde, com foco principal no livro "O Retrato de Dorian Gray" como fonte primária. A metodologia priorizou a análise crítica e interpretativa da obra literária, explorando os conceitos, temas e elementos presentes na narrativa para compreender o contexto e as reflexões propostas.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Conceito de mito

A ideia do mito, originária da Antiguidade Clássica, tem gerado debates profundos, polêmicos e abrangentes ao longo do tempo, acompanhados por uma vasta gama de escritos. Desde Platão, filósofos e intelectuais centraram-se nesta palavra e no seu significado, lançando um polêmico estudo que nunca deixou de ser interpretado por especialistas interessados.

Um dos investigadores que mais contribuiu para a compreensão do valor, do papel e do estatuto do mito é Mircea Eliade (2000), historiador, filósofo, mitólogo e autor de uma série de obras académicas dignas, autor de obras profundas amplamente reconhecidas no mundo.

Em seu livro Aspectos do Mito, escrito originalmente em 1963, Eliade (2000) escreveu que a definição de mito lhe parecia menos que perfeita, pois é uma realidade cultural extremamente complexa que pode ser derivada de abordagens e explicações múltiplas e complementares. Dessa forma, o mito conta uma história divina sobre eventos que ocorreram no início dos tempos, o início mítico. Este mito conta como, através da ação de seres sobrenaturais, a realidade passa a existir, seja ela uma realidade completa, o universo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É, portanto, sempre uma narrativa da criação: descreve como uma coisa surgiu, como passou a existir.

Segundo o mitólogo, é uma narrativa que explica o aparecimento ou nascimento de qualquer ser, como o Mito de Narciso, que conta a história de um jovem e lindo menino que desperta o amor de uma linda fada através de uma narrativa, mas como ele, ele não reagiu, foi severamente punido pela maldição, iria se apaixonar por si mesmo. Ele caminhou até o lago, viu seu reflexo na água, se apaixonou perdidamente por seu reflexo e depois morreu. E onde morreu, nasceu uma planta chamada Narciso. A história explica como surgiu esse vegetal, por isso é considerado um mito.

Nas sociedades antigas, os mitos eram sagrados para aqueles que acreditavam neles. Segundo Malinowski (1998), o mito é importante porque expressa crenças, preserva preceitos morais e transmite regras que os humanos utilizam em seu cotidiano. No início, essas narrativas foram cruciais para manter a comunidade coesa. Segundo Eliade (2000), eles são coletivos e se renovam cada vez que são lembrados, pois conhecer os mitos é conhecer os segredos da origem



das coisas. Portanto, todos na sociedade precisam compreender não apenas suas origens, mas tudo ao seu redor.

O estudioso Gilbert Durand (1989), em seu livro *Estruturas Antropológicas da Imaginação*, vê o mito como um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, um método dinâmico impulsionado por esquemas, que tende a formar uma narrativa. Assim, o mito é um esboço racionalizado porque utiliza pistas discursivas nas quais os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias. É, portanto, uma tentativa de explicar a origem de uma coisa ou ser inexplicável.

Diante disso, vale ressaltar que, para Eliade (2000), o mito é uma “história verdadeira”, porque se refere à realidade, ou seja, conta como a realidade passa a existir por meio da interferência de seres sobrenaturais. Portanto, a principal função do mito é revelar o paradigma de todos os rituais e atividades humanas importantes: seja comida ou casamento, trabalho, educação, arte ou sabedoria.

### **Conceito de lenda**

Assim como a definição da palavra mito, o conceito de lenda é controverso e muitas vezes contraditório. As narrativas da tradição oral sofreram inúmeras modificações ao longo do tempo. O termo é derivado do latim *legenda*, e significa algo que deve ser lido. Um dos maiores estudiosos desse assunto na cultura brasileira é Cascudo (2015), que explica que as lendas são acontecimentos heróicos ou sentimentais com um caráter maravilhoso ou elementos do sobrenatural, transmitidos e preservados nas tradições orais e populares, localizados em espaço e tempo determinado.

O autor acredita que possui características de fixidez geográfica e pequena deformação, e mantém os quatro atributos dos contos populares: antiguidade, persistência, anonimato e narrativa oral. Confunde-se muito com o mito, distanciando-se dele pelas suas funções e antagonismos. Para o estudioso, um mito pode ser um sistema de lendas centrado em um tema central com uma área geográfica mais ampla que não precisa ser fixada no tempo e no espaço.

Outra forma de definir o termo é por Lopes (2008), que o define como uma história ou narrativa que pode nem ser uma história ou narrativa; ocorre na história recente e pode ser considerada distante ou passada; algumas pessoas pensam que está certo, outras pensam que está errado, e a maioria das pessoas pensa que ambos estão certos ou não.



Para o autor, uma lenda está em algum lugar entre a fé e a descrença, um fato que sofreu uma transformação coletiva, ou uma história aparentemente verdadeira criada pela imaginação das pessoas. Nesse sentido, Lopes (2008) propõe uma tipologia: lenda em contexto; lenda como resposta coletiva; lenda entre o ordinário e o extraordinário; lenda como gênero “emergente”; lenda como dialética.

Destarte, ainda para Lopes (2008), a lenda envolve a descrição formal de um gênero, caso em que a lenda é uma narrativa apresentada ao público por um contador dentro do contexto de seu relacionamento. Um texto que descreve um evento que não envolve narrador ou contato pessoal direto e é apresentado como uma proposição de crença; o falante ou ouvinte nem sempre acredita que seja verdade, mas apresenta-o como algo que poderia ter acontecido, sendo narrada como se tivesse de fato acontecido. Incidentes são ocorrências dignas de nota que podem parecer estranhas, mas são reais.

Para o autor, o texto é o relato de um acontecimento em que o narrador não esteve presente, sendo apresentado como uma proposição de crença, mas é mostrado como algo que pode acontecer. Assim, a lenda é um gênero narrativo caracterizado pelo fato de não pretender ser uma verdade definitiva, mas sim uma compreensão das formas de organização social. Tem relação direta com o momento histórico e proporciona uma maneira fácil de compreender os fatos culturais de uma civilização.

Jean-Pierre Bayard (1957), afirma em sua História das Lendas, que a lenda é mais real que a história, porque os sentimentos, emoções e pensamentos das pessoas estão integrados nessas narrativas. Na lenda, devido ao rigor cronológico da pesquisa histórica, consideramos os ensinamentos humanos mais valiosos do que aqueles que foram transmitidos. Adstrito a isso, Bayard reforça ainda o argumento de que a lenda, mesmo que distorcida pelo imaginário popular, foi um ato totalmente local, caracterizado por personagens bem definidos e baseado em fatos históricos.

## **A Era Vitoriana**

De acordo com Hobsbawm (2010), a Era Vitoriana, o período da Rainha Alexandrina Vitória de Saxe-Coburgo (1819-1901) no trono do Reino Unido da Grã-Bretanha, foi uma época de contradições. Por um lado, testemunhou a consolidação do poder do Império Britânico e o apogeu da Revolução Industrial; por outro lado, produziu um povo verdadeiramente miserável que foi explorado como mão de obra barata e amontado para viver em condições insalubres.



A habitação, por falta de saneamento e superpopulação, tornou-se alvo de doenças infecciosas e epidemias. Este paradoxo existia mesmo entre as classes ricas, pois sob o véu de apegos morais e religiosos profundamente arraigados existia um “mundo secreto” no qual prevaleciam a lascívia, a luxúria e o espiritismo.

Nas relações sociais, o patriarcado continuava a exercer força e as mulheres desempenhavam o papel de “anjos da família”. Segundo Monteiro (1999), da infância à adolescência, estiveram sob a tutela dos pais e posteriormente entregues a outro guardião igualmente masculino: os maridos. Como líder do império, a Rainha Vitória partilhava valores patriarcais e, portanto, não poderia servir de modelo para aqueles que lutavam pelos direitos civis. Na verdade, apenas dezoito anos após sua morte, as mulheres puderam exercer o seu direito de voto.

Como afirma Monteiro (1999), as mulheres com as características acima contaram com o total apoio da Rainha Vitória, que atribuiu o sucesso do seu reinado à moralidade da corte e à harmonia da vida familiar. Ela via, portanto, o movimento para defender os direitos das mulheres como uma ameaça às virtudes do sexo “fraco”. Esta condição teve obviamente um impacto na vida privada, ainda que de forma silenciosa, e a repressão, especialmente a sexual, agravou-se e intensificou-se.

O estilo de vida do modelo vitoriano assumiu um caráter controlador e contrário ao modo de vida tradicional. Nesse contexto, os corpos começaram a ser disciplinados e monitorados, mas isso não impediu de fato o comportamento violador das normas, já que os estritos patriarcas das famílias sucumbiram, não raro, ao seu desejo pelo tabu e frequentaram secretamente os bordéis. As prostitutas, que eram muitas vezes vistas como anomalias, paradoxalmente, eram vistas também como uma contrapartida indispensável para a estabilidade da família, uma vez que, ao entregarem-se a prazeres proibidos e dar vazão aos seus desejos sexuais, os homens tornam-se mais capazes de cumprir as obrigações sociais de marido e pai, conforme apontado por Foucault (1979).

No entanto, foram eles que perseguiram impiedosamente os homossexuais, culpamos pela rápida propagação da epidemia de sífilis naquela época e aplicaram-lhes punições tão severas que os envergonharam. Completando o cenário, as descobertas científicas e os desenvolvimentos tecnológicos abrem as portas para um futuro que simultaneamente fascina e aterroriza a sociedade vitoriana ao apontar para um conhecimento que escapa à vigilância e ao controle.

Dentro deste panorama emergem escritores que, através de seus romances, expressam ansiedades sobre o presente e o futuro e oferecem duras críticas ao paradigma atual; essas



críticas se materializam na criação do duplo, que é a metáfora das contradições da época. Por exemplo, em "Estranho Caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde" de Stevenson, "O Retrato de Dorian Gray" de Oscar Wilde e "Frankenstein" de Mary Shelley, o duplo é um símbolo de paradoxo, é a característica mais óbvia das questões sociais relacionadas ao período.

### **Esboço biográfico de Oscar Wilde**

Oscar Wilde nasceu em Dublin, Irlanda, em 1854, filho de um médico e de um poeta nacionalista que atendia pelo pseudônimo de Speranza. Wilde começou a promover o movimento da Nova Estética, ou arte pela arte, quando começou a estudar no Magdalen College, em Oxford. Incapaz de ganhar uma bolsa de estudos para a Universidade de Oxford, o escritor começou a lecionar e escrever jornalismo para ganhar a vida.

Em 1882 ele iniciou uma série de palestras nos Estados Unidos para promover a companhia de D'Oyle Cate da ópera cômica *Patience*, de Gilbert e Sullivan. Wilde casou-se com Constance Lloyd em 1884 e posteriormente procurou se tornar escritor, mas não teve muito sucesso. No entanto, com seus três contos "O Príncipe Feliz" (1888), "O Crime de Lord Arthur Saville" (1891), "A Casa das Romãs" (1891) e seu único romance, *O Retrato de Dorian Gray* (1891), ele gradualmente se tornou cada vez mais famoso, adquirindo o status de escritor moderno.

Suas comédias sociais também contribuíram para seu sucesso: "Lady Windermere's Fan", "A Woman of No Importance", "The Ideal Husband" e "The Importance of Discretion". Ainda assim, o sucesso do escritor durou pouco. Quando Wilde estava no auge, perdeu um processo por difamação contra marquês de Queensberry, pai de Lord Alfred Douglas (o jovem por quem Oscar Wilde se apaixonou em 1891), e mais tarde foi preso por indecência pública.

Foi libertado em 1897 e exilou-se na Europa continental, onde morreu na pobreza em 1900. A obra de Oscar Wilde se passa em meados da era vitoriana da Inglaterra do século XIX - período em que os valores morais norteavam a sociedade, em que se esperava que as figuras femininas tivessem um caráter passivo e valorizassem a disciplina do "eu", com foco no comportamento individual e suas crenças religiosas, especialmente entre os ricos. No entanto, este período foi caracterizado por um florescimento de arte, cultura, filosofia, ciência e indústria. Uma época de mudanças graduais de comportamento e pensamento.

Segundo Rezende (2017), dado o processo de industrialização em curso em solo britânico, a Grã-Bretanha estava a estabelecer-se como o centro econômico e financeiro do mundo, enquanto as ações imperialistas também se tornavam uma força motriz para o progresso





e a política. Os avanços mecânicos, as descobertas científicas de Charles Darwin alimentaram a Revolução Científica e a crença na evolução das espécies, enquanto os avanços tecnológicos e industriais colocaram a Grã-Bretanha no centro do mundo moderno e deram aos cidadãos britânicos um sentimento de pertença a uma nação diferente de qualquer outra.

Dessa forma, a moral e os valores puritanos e/ou vitorianos orientavam o comportamento dos bons cidadãos. Portanto, apesar da adoção de valores, a sociedade continua profundamente falha, tal como uma sociedade dividida em classes ricas e áreas marginalizadas. Confrontadas com um crescimento descontrolado e não planejado, as pessoas migraram para Londres em busca de novas oportunidades, levando à saturação populacional e, portanto, a uma crise social que separa as classes mais pobres das classes mais abastadas. Porque, como aponta Rezende (2017), essas classes mais baixas se encontravam sem emprego e sem perspectivas, essas pessoas eram vistas como a escória da sociedade britânica do século XIX, deixando-as cair no crime e na prostituição.

Em suma, as manifestações de decadência na literatura britânica deste período, devido às cenas de conflito social, não só mostraram a ansiedade da época, mas também ilustraram a postura desviante do ser humano em relação à sociedade. Foi neste contexto que Oscar Wilde foi influenciado pelos movimentos e ideias da época em suas obras, questionando direta ou indiretamente o comportamento social que sujeitava o indivíduo às normas e valores da era vitoriana, e se esforçando para destacar personalidade humana, o que muitas vezes é feito sem partilhar as normas sociais adotadas.

Publicado em 1891, o romance *O Retrato de Dorian Gray*, de Wilde, inicialmente não foi bem recebido pela crítica porque continha implicações homossexuais e uma promoção do hedonismo. Porém, segundo Quadros-Zamboni (2017), o autor afirma que os críticos não compreendem o verdadeiro significado da arte e deveriam apenas analisar seu conteúdo estético sem fazer julgamentos de valor.

### **Dorian Gray e sua relação com o mito de Narciso**

Dorian Gray e Narciso têm algumas características em comum: ambos são muito bonitos e jovens. Muitas pessoas se apaixonam por eles por causa dessa característica, sendo que ambos os personagens são obcecados por sua própria imagem.

O ponto mais notável na história de Narciso e Dorian Gray é a tragédia que se abate sobre aqueles que se apaixonam por eles. Eco definiu até sua morte após se decepcionar com





Narciso, enquanto as pessoas envolvidas com Dorian também enfrentaram desfechos trágicos. Um exemplo é Miss Sibyl Vane, uma atriz dos palcos londrinos, que se apaixonou por Dorian. Quando ele, por ter sentimentos passageiros, perde o interesse e a abandona, a moça perde o sentido de sua vida, centrado na paixão por ele, e acaba tirando a própria vida com uma faca. Ao receber a notícia da morte dela, Dorian inicialmente se sente responsável. Ele parece acreditar que é como se tivesse sido ele mesmo quem a matou, mas apesar de se sentir culpado, não consegue diminuir seu apreço pela beleza das coisas, como as rosas, mostrando sua natureza frívola e egoísta, priorizando-se sem considerar as consequências para os outros.

Na mencionado anteriormente, Dorian Gray reflete traços da personalidade de seu autor, Oscar Wilde, que também buscava os prazeres. Em um relato feito durante seu período na prisão, Oscar faz reflexões sobre sua própria vida:

Eu costumava levar uma vida inteiramente voltada para o prazer. Fugia de qualquer espécie de sofrimento ou dor. Odiava ambos. Decidi ignorá-los tanto quanto possível: isto é, tratá-los como formas de imperfeição. Eles não faziam parte do meu plano de vida. Não havia lugar para eles na minha filosofia. (WILDE, 1998, p. 67).

Oscar Wilde, à semelhança de Dorian, também tinha uma tendência a rejeitar o indesejado e preferia não se preocupar com as dificuldades da vida. Ambos nutriam um amor por si mesmos, refletindo características do narcisismo, termo originado da lenda de Narciso. De acordo com Jesus e Dravet (2015), essa expressão, "narcisismo", derivada do mito, está associada a uma pessoa que apresenta um excessivo amor por si mesma, sendo incapaz de amar verdadeiramente os outros. No mito, Narciso recebe a instrução do oráculo para nunca olhar para o espelho. Nesse processo, ele nunca chegou a conhecer a si mesmo. Essa observação sugere que, sem o autoconhecimento, ele se torna incapaz de se relacionar e compreender os outros. Entretanto, isso só muda quando a sentença punitiva de Nêmesis o faz finalmente confrontar a si mesmo e se apaixonar.

Com base na análise do autor sobre Narciso, é possível deduzir que Dorian compartilha características semelhantes às do personagem mítico, especialmente a falta de consideração pelos outros em seu caráter. Assim como Narciso, ele está destinado a um desfecho trágico, o qual será explicado mais adiante. Alcione Gonçalves (2012) também discute o narcisismo, destacando que, ao estudarmos uma personalidade narcisista, percebemos que o culto a si mesmo surge de um excessivo amor-próprio, frequentemente manifestado por meio de psiconeuroses. As motivações por trás de comportamentos similares são diversas, incluindo o medo da morte e do envelhecimento, que são razões conhecidas, embora complexas.

## Lord Henry, vilão do tipo Mefistófeles

Dentro da história, parece que Lord Henry desempenha o papel de um grande antagonista, agindo como uma figura maligna que influencia Dorian a abraçar valores superficiais, como a obsessão pela beleza, a adoração da juventude e a busca pelos prazeres da vida. Basil, conhecendo a índole de seu amigo, receia que a influência de Lord Henry sobre Dorian possa corrompê-lo. Ele implora para que Lord Henry não prejudique Dorian, suplicando para que não o contamine com suas ideias.

[...] Não mo estragues; não o impressiones; a tua influência seria perniciososa. O mundo é grande de gente interessante. Não me subtraias a única pessoa que empresta à minha arte o encanto que ela pode possuir; minha vida de artista depende dele. Presta atenção, Harry, eu te peço. (WILDE, 2014, p. 26).

Basil, profundamente apaixonado pela figura de Dorian, torna-se obcecado por ele, acreditando que sua vida, inclusive sua arte, está agora inteiramente ligada ao jovem. Por isso, ele tenta alertar seu objeto de adoração sobre a influência danosa do amigo. “[...] Dorian, sobe ao estrado; não te mexas muito e não prestes atenção ao que te dizer Lord Henry. Sua influência é má para todo mundo salvo para ele” (WILDE, 2014, p. 29). No entanto, Dorian fica intrigado com as ideias de Lord Henry e, por serem novas e desconhecidas para ele, sente-se compelido a saber mais sobre essa possível influência negativa.

—É verdade que sua influência chega a prejudicar tanto quer Basil?  
— Ignoro o que os homens entendem por uma boa influência, Mr Gray.  
Toda Influência é imoral... imoral, sob o ponto de vista científico...  
— E por quê?  
— Porque considero que influir sobre uma pessoa é transmitir-lhe um pouco de sua própria alma; esta pessoa deixa de pensar por si mesma, deixa de sentir suas paixões naturais. Suas virtudes não são mais suas. Seus pecados, se houver qualquer coisa semelhante a pecados, serão emprestados. (WILDE, 2014, p. 29).

Lord Henry explica que quando alguém exerce influência sobre outra pessoa, está, de certa forma, exercendo domínio sobre ela, como se a pessoa fosse uma marionete nas mãos de um ventríloquo. Ele acredita firmemente que as pessoas devem seguir seus próprios instintos e desejos. A despeito do pedido de Basil para não corromper Dorian, Lord Henry começa a compartilhar seus ideais de vida, proferindo discursos como: “O terror da sociedade, que é a



base de toda moral, o terror de Deus, que é o segredo da religião, eis as duas coisas que nos governam” (WILDE, 2014, p. 30). Podemos inferir que os homens na sociedade vivem com o medo do julgamento alheio, receiam a condenação divina por seus atos e também temem os castigos prescritos pela religião. Por causa desses receios, eles evitam viver plenamente e não conseguem realizar seus desejos. Continuando seu discurso, Lord Henry prossegue:

—Creio que se um homem quisesse viver plenamente, completamente, quisesse dar uma forma a cada sentimento, uma expressão a cada pensamento, uma realidade a cada sonho, creio que o mundo experimentaria tal impulso de alegria nova que nos esqueceríamos de todos os males medievais para voltarmos ao ideal grego, talvez mesmo a qualquer coisa mais linda e rica que esse ideal! O mais bravo, porém, entre nós tem medo de si próprio [...]. Cada impulso que tentamos sufocar persevera em nosso íntimo e nos intoxica. O corpo peca a princípio e satisfaz-se com o pecado, por que a ação é um modo de purificação [...]. Só quando cedemos à tentação nos desembaraçamos dela (WILDE, 2014, p. 30).

Lord Henry acredita que é crucial dar vazão aos próprios desejos, argumentando que se seguíssemos todos os nossos impulsos, nos libertaríamos de todos os males e viveríamos uma existência plena. No entanto, muitas pessoas temem seus próprios desejos e sentimentos, e esse receio de agir conforme essas vontades acarreta malefícios, pois, de acordo com Henry, a realização desses anseios, na verdade, nos purificaria. Continuando a influenciar Dorian, Lord Henry começa a explorar o passado do jovem, instigando-o a falar sobre suas experiências.

O senhor Mr. Gray, com sua candente mocidade e a sua cândida infância, há de ter tido paixões que o terão espantado, pensamentos que já o encheram de terror, dias de sonho e noites de sonho que simplesmente recordadas, bastarão para fazer subir-lhe o rubor às faces... (WILDE, 2014, p. 30-31)

Ao ser confrontado, Dorian Gray sente-se invadido, experimenta uma sensação de vergonha avassaladora e fica sem palavras, expressando:

— Alto! —pediu Dorian Gray, Hesitante. —Detenha-se! O senhor me embaraça. Não sei o que responder-lhe. Tenho uma resposta a dar-lhe, mas não a encontro. Não fale! Deixe-me pensar! Por favor! Deixe-me experimentar pensar (WILDE, 2014, p. 31).

O jovem começa a refletir sobre as palavras de Lord Henry e começa a questionar seu próprio passado, despertando nele algo que até então não fazia parte de seu conhecimento. “Sim, passaram-se fatos na sua infância que ele não conseguia compreender; agora os compreendia. A vida se lhe apresentou de súbito ardentemente colorida” (WILDE, 2014, p. 31).

Dorian relembra seu passado e uma sensação de renovação parece tomar conta de sua vida. Enquanto prossegue falando sobre Dorian, Lord Henry começa a elogiar a juventude do



rapaz. “Porque o senhor possui uma juventude admirável e a juventude é a única coisa desejável” (WILDE, 2014, p. 33). Lord Henry acredita firmemente na importância da juventude, assim como na valorização da beleza.

[...] não sorrirá tão facilmente, quando a houver perdido. Tem-se dito que a beleza é apenas superficial; talvez seja, mas, em todo caso, é sempre menos superficial que o pensamento. Para mim, a Beleza é a maravilha das maravilhas. Só os sujeitos acanhados não julgam pela aparência (WILDE, 2014, p. 34).

Com esses pensamentos, o astuto aristocrata vai revelando sua verdadeira natureza, provocando em Dorian a dúvida sobre seus próprios princípios. Lord Henry o instiga a buscar novas experiências e horizontes: “busque novas sensações! Nada receie... Um novo Hedonismo, eis o que pede este século” (WILDE, 2014, p. 34).

Para Lord Henry, o hedonismo, ou seja, a busca pela satisfação pessoal e a procura por sensações prazerosas, são aspectos de extrema importância para se alcançar uma vida plena, como mencionamos anteriormente. Essas ideias vão introduzir novas reflexões na mente de Dorian, provocando-o a repensar seus valores e perspectivas sobre a vida. “Chegara Lord Henry Wotton, com seu estranho panegírico da mocidade e a advertência terrível de sua brevidade. Ele havia sido tocado a propósito e, presentemente, em face da sua própria beleza, sentia a plena realidade expandir-se em si”. (WILDE, 2014, p. 37). Cada palavra proferida por Lord Henry causa um impacto significativo em Dorian Gray. Ao longo da narrativa, mesmo estando fascinado pelo jovem, ele lembra a Dorian que a juventude não é eterna e que o peso dos anos inevitavelmente alcançará Gray:

Sim, chegaria o dia em que sua face se encheria de pregas e rugas, seus olhos se encovariam sem cor e ir-se-ia a graça de toda sua pessoa, alquebrada e deformada. Passaria o escarlate de seus lábios como desapareceria o ouro de sua cabeleira. A vida, que lhe deveria aperfeiçoar a alma, abater-lhe-ia o corpo. Seria horrível, desfigurado, disforme (WILDE, 2014, p. 37).

Henry destaca para Dorian Gray que a beleza, assim como para todos nós, é efêmera e passageira. O jovem sente-se melancólico ao contemplar o quadro que seu amigo Basil havia pintado, pois percebe que o retrato permanecerá para sempre daquela maneira, enquanto sua própria beleza está fadada a desvanecer com o tempo:

— Que coisa profundamente triste – murmurava Dorian, os olhos fixos no retrato. – Sim, profundamente triste!... Eu ficarei velho, aniquilado, hediondo!... Esta pintura continuará sempre fresca. Nunca será vista mais velha do que hoje, nesse dia de junho. Ah! Se fosse possível mudar os destinos; se fosse eu quem devesse conservar-me novo e se essa pintura pudesse envelhecer! Por isso eu daria tudo!... Nada há no mundo que eu não desse... Até minha Alma! (WILDE, 2014, p. 38).



Como podemos perceber na passagem mencionada, Dorian se sente angustiado ao reconhecer que sua beleza é passageira, enquanto seu desejo fervoroso é o oposto: quer durar eternamente jovem e atraente. Ele expressa ciúmes por tudo aquilo que possui uma beleza imutável e até inveja seu próprio retrato, indagando por que a pintura mantém sua beleza e juventude inalteradas, enquanto ele não consegue. Impelido por esse intenso desejo e vaidade, mesmo sem ter consciência disso, parece ocorrer uma espécie de acordo com forças sobrenaturais, atendendo ao seu anseio de permanecer eternamente jovem e belo. Como resultado, é o quadro dele que sofrerá os efeitos do tempo, enquanto Dorian Gray permanece inalterado em sua beleza e juventude.

### **O Pacto Fáustico**

O tema de fazer um pacto com forças ocultas, particularmente com o diabo, em troca de algo, é um tema frequente na literatura. Uma das histórias mais conhecidas é a lenda de Dr. Fausto, presente nas obras de Goethe e Christopher Marlowe (1592). Como explicado por Kera Stevens (1988), o texto da peça de Dr. Fausto que temos hoje é consideravelmente modificado, especialmente na parte central, devido a cortes e adições realizadas ao longo dos anos. Quando Goethe afirmou que tudo estava tão bem planejado, provavelmente referia-se mais à concepção do que à estrutura da peça. O renomado escritor alemão se inspirou nessa lenda para criar sua própria obra-prima, "Fausto", contribuindo assim para aumentar ainda mais a fama desse mito. Desde tempos remotos, existem várias lendas sobre pessoas que entregam suas almas ao demônio em troca de benefícios neste mundo. Essas histórias sempre fascinaram e permanecem como parte essencial do folclore e da tradição literária.

O Dr. Fausto foi uma figura histórica que viveu na Alemanha durante a primeira metade do século XVI, conhecido como mágico, astrólogo, quiromante e também chamado de "Filósofo dos Filósofos". Sua história foi tema de obras em latim e em alemão, posteriormente traduzidas para o inglês. Marlowe se baseou na versão inglesa ao escrever sua obra "A Trágica História do Dr. Fausto". Dessa forma, um tema caracteristicamente medieval tornou-se fonte de inspiração para uma tragédia renascentista.

Na versão de Marlowe, Fausto, insatisfeito com as limitações do conhecimento humano, anseia entregar sua alma ao demônio. No entanto, não busca apenas benefícios materiais, mas almeja o objetivo mais elevado de adquirir todo o conhecimento e sabedoria do mundo. Ao contrário de Fausto, cujo desejo era alcançar a sabedoria universal, impulsionado por sua



natureza intelectual e anseio por um conhecimento ilimitado, o motivo que leva o personagem de Wilde a fazer o pacto é meramente um desejo frívolo e superficial: preservar sua juventude sem ser afetado pelo passar dos anos.

Rossi (2013) aborda as intenções subjacentes a um pacto com o Diabo, explicando que, apesar de nas narrativas o diabo ser derrotado pelos humanos por meio de conhecimentos e crenças populares e religiosas, a estrutura original do pacto é preservada. A autora mencionada observa que esse acordo é estabelecido entre humanos e o demônio, onde os envolvidos buscam trocar favores diabólicos. Esses favores podem incluir desejos como juventude eterna, conhecimento, riqueza, poder, coragem, habilidades musicais excepcionais ou até mesmo proteção contra adversários, que, por sua vez, também fizeram um pacto semelhante.

Como notamos, há uma variedade de intenções por trás daqueles que desejam fazer um pacto com o Diabo, e muitas vezes existe um intermediário para facilitar essa negociação. No exemplo de Fausto, ele firma um pacto de sangue com uma entidade sobrenatural, Mefistófeles, enviada pelo diabo. No caso de Dorian Gray, a sugestão é que Lord Henry é o catalisador dos desejos sombrios do jovem e parece se deleitar com a ideia de poder manipulá-lo, como sugerido no trecho a seguir:

É que esse adolescente, casualmente encontrado no atelier do Basil, era um maravilhoso espécime da humanidade: não se poderia criar mais absoluto tipo de beleza [...]. Desse modelo era possível tirar tudo. Dele se poderia formar um titã ou um brinquedo. Que desgraça estar tal beleza destinada a fanar-se[...!] Sim, ele procuraria ser junto a Dorian Gray o que, sem o saber, o adolescente era para o pintor, que lhe havia traçado um esplêndido retrato. Ele tentaria dominá-lo, como, aliás, já havia feito. Faria seu esse ser maravilhoso. Havia qualquer coisa de fascinante nesse filho de Amor e de Morte (WILDE, 2014 p. 48).

Como podemos notar, Lord Henry fica completamente fascinado pela beleza de Dorian e, conseqüentemente, decide tê-lo sob sua influência, seja para elevá-lo a um status divino ou simplesmente para manipulá-lo como uma marionete. No final da passagem, há menção ao amor e à morte, como se esses elementos fizessem parte da beleza intrigante com a qual Dorian foi agraciado pelos desígnios da existência.

A dominação de Lord Henry sobre Dorian ocorre de maneira relativamente fácil, dado o medo do jovem em relação ao envelhecimento e à perda de sua beleza e encanto. Em uma de suas reflexões, Dorian pondera:

Agora sei que quando perdemos os encantos, quaisquer que sejam, perdemos tudo. Tua obra revelou-me isso. Lorde Henry Wotton tem toda a razão. A mocidade é a única coisa de valor. Quando perceber que envelheço, hei de matar-me (WILDE, 2014 p.38).



A vaidade extrema de Dorian e sua devoção à beleza e juventude são tão intensas que ele chega a considerar pôr fim à própria vida caso perca essas qualidades. A influência de Henry, aliada à vontade de Dorian, se torna o gatilho para a realização do pacto maligno, refletido no quadro, mesmo que Dorian Gray não tenha consciência desse acordo.

Tenório (2013) explana sobre a batalha interior de Dorian entre seus pensamentos intocados, sua parte benevolente, e as novas influências, o mal. Diante do retrato, Dorian se entrega, cedendo sua alma, recentemente despertada do paraíso na Terra, para mergulhar nas profundezas do Mal. O Bem e o Mal dentro dele lutam, debatem-se, cada um buscando prevalecer e romper o equilíbrio. Ao realizar o pacto, Dorian não tinha consciência de que suas ações seriam "impressas" na tela, e que o que mantinha a estabilidade era a contenção dos dois extremos conflitantes dentro de si mesmo, com o Bem predominando. Contudo, ao escolher repetidamente o caminho do Mal, esse lado foi se solidificando, prevalecendo sobre a superfície do quadro.

Ao longo do romance, o mal dentro de Dorian Gray se destaca, e as consequências de suas ações são refletidas no retrato, como explicado por Tenório (2013). No entanto, até aquele momento, o jovem ainda não tem consciência desse fenômeno. O primeiro indício de algo sobrenatural ocorre logo após Dorian terminar seu breve relacionamento com a jovem Sibyl Vane. Após o término da paixão passageira, ele a aborda com voz clara e calma, expressando sua intenção de não ser mais cruel com ela, mas deixando claro que não poderiam mais se encontrar, encerrando todas as suas ilusões (WILDE, 2014). Essas palavras devastam Sibyl, levando-a a tirar a própria vida, conforme mencionado anteriormente.

Finalmente, a descoberta de que o quadro começa a se transformar ocorre quando Dorian retorna à sua casa e vê o retrato pendurado na parede da sala, como se fosse uma peça decorativa, notavelmente mais significativa que as outras. Contudo, algo surpreendente acontece:

Como ele abrisse o trinco da porta, seus olhares recaíram sobre o retrato pintado por Basil Hallward – o que o fez estremecer de surpresa [...] A expressão revelava-se diferente [...]. A luz palpitante realçava linhas de crueldade em torno daquela boca, como se ele próprio, após haver praticado qualquer coisa horrível, as descobrisse em sua face, num espelho (WILDE, 2014 p.106).

Ao longo dos anos, Dorian torna-se cada vez mais egoísta e mesquinho, ignorando as consequências da maldade que pratica contra os outros. Ele tem plena consciência de que o tempo não o castigará, independentemente de seus atos.





Dorian vai abandonando a imagem do jovem ingênuo retratado por Basil e se transforma progressivamente na criatura influenciada por Lord Henry, como explicado por Tenório (2013). Dorian Gray se solidificou em um único aspecto de si mesmo, ficando paralisado em seu lado sombrio. Ele, que inicialmente foi moldado em cores e luz pelas mãos de Basil Hallward, optou pelas sombras e pela busca desenfreada e desmedida do prazer, seguindo os ensinamentos de Lord Henry.

Durante sua jornada em busca de prazeres sem considerar as consequências, Dorian abraça seu lado maléfico. Em um momento de confissão, ele opta por revelar seu segredo a Basil Hallward. O pintor, aterrorizado, se depara com sua bela obra transformada em algo monstruoso, um reflexo da alma obscura do outrora belo Adônis que ele havia retratado. Alarmado pela reação de Basil e temendo a divulgação de seu segredo, Dorian decide eliminar seu amigo da seguinte maneira:

Avançou docemente passando perto de Hallward, chegando atrás deste, apanhou a faca e voltou-se... Hallward fez um movimento, como para levantar-se da poltrona... Dorian saltou sobre ele, enfiou-lhe a faca atrás da orelha, cortando-lhe a carótida, rachando-lhe a cabeça contra a mesa e desferindo-lhe golpes furiosos (WILDE, 2014 p.181).

No trecho mencionado, Dorian comete friamente o assassinato de seu amigo Basil, uma atrocidade que é imediatamente refletida no retrato. Ele percebe que a mão usada para assassinar o pintor está retratada no quadro, agora suja de sangue. “que era essa odiosa nódoa rubra, úmida e brilhante, que ele via em uma de suas mãos, como se ela tivesse sido salpicada de sangue?” (WILDE, 2014 p.196). No entanto, ele não se deixa atormentar, concentrando-se apenas em encontrar uma forma de se livrar do corpo de Basil. Com a ajuda do futuro suicida Alan Campbell, como mencionado anteriormente, ele se desfaz do corpo da vítima. Após o assassinato, a vida de Dorian segue seu curso normal, mas a ausência de envelhecimento dele é observada por todos ao seu redor.

Conforme o tempo passa, Dorian começa a sentir remorso e pondera sobre a possibilidade de confessar seu crime. Ele reflete que Deus induz os homens à confissão para alcançarem a absolvição eterna e acredita que somente ao se redimir desse ato ele encontraria paz. Apesar desse arrependimento, Dorian ainda mantém certa indiferença em relação à morte de Basil. No entanto, ele pondera sobre seu envolvimento com uma jovem chamada Hetty Merton, decidindo não a prejudicar e poupá-la de sua crueldade. Esse fato possivelmente influencia sua mudança de atitude, como é evidenciado a seguir:



A vida de Basil Hallward pouco importava; ele pensava em Hetty Merton, pois era um espelho injusto, esse espelho de sua alma... Vaidade? Curiosidade? Hipocrisia? Não haveria mais nada no seu renunciamento? Ele havia percebido qualquer coisa mais; ao menos, imaginava-o... Mas quem poderia dizer-lo? Não, não houvera mais nada... Por vaidade, ele a havia poupado; por hipocrisia, buscara a máscara da bondade; por curiosidade, havia ensaiado o renunciamento... Agora reconhecia bem tudo isso (WILDE, 2014 p. 250).

Dorian percebe que tratou Hetty dessa maneira por um capricho passageiro de sua própria natureza, como uma encenação e não por genuína bondade. Isso evidencia mais uma vez sua índole egoísta. Ao perceber que ainda é a mesma pessoa, Dorian decide, portanto, não confessar o assassinato de Basil, conforme descrito no romance.

Esse assassinio, porém, o perseguiria durante a sua vida inteira? Seria ele sempre subjugado pelo passado? Deveria confessar-se?... Nunca!... Só havia uma prova a erguer-se contra ele. Este era o seu retrato!... Ele o destruiria! Por que o havia guardado tantos anos? Ele próprio se dará ao prazer de ver a sua transformação e a sua velhice. Desde muito tempo, porém abandonara esse prazer [...] Esse retrato foralhe como uma consciência. Sim, havia sido a Consciência... Ele o destruiria! (WILDE, 2014 p. 250).

O breve momento de humanidade e arrependimento repentino desaparecem, e Dorian retorna à sua antiga natureza. Conseqüentemente, ele decide destruir o retrato, que é a única testemunha de seu assassinato e de toda a sua maldade.

Dorian olhou ao redor de si e percebeu o punhal com que havia ferido Basil Hallward. Já o havia polido várias vezes, de modo que não existia a menor nódoa. O punhal brilhava... Como havia exterminado o pintor, assim exterminaria sua obra e tudo o que ela significava... Exterminaria o passado, e quando esse passado estivesse morto, ele estaria livre!... Aniquilaria o monstruoso retrato de sua alma e, livre de suas medonhas advertências, recobriria a paz. Apunhalou o quadro! (WILDE, 2014 p. 251).

O retrato era o reflexo de sua sombria existência; nele, além de sua juventude, estavam evidentes os sinais de seus pecados. Todas as más ações que cometeu, tanto contra si mesmo quanto contra outros, desfiguraram a bela imagem retratada na pintura.

Assim, no momento em que Dorian Gray empunha a faca contra o retrato, ocorre uma mudança surpreendente: de alguma forma, é ele mesmo quem recebe o golpe no peito, levando-o a uma morte angustiante no chão. Conseqüentemente, o pacto maligno que o manteve jovem e belo eternamente é revertido, e toda a sua decadência, pecados, crimes e o envelhecimento



que evitou se manifestam sobre ele. Ele é finalmente transformado em um reflexo de sua própria alma, tornando-se um ser repulsivo.

Dessa maneira, Tenório (2013) explica que Dorian Gray realiza um paradoxo ao tentar eliminar sua consciência ao destruir seu próprio retrato, que era a representação de sua essência, uma imagem que supostamente "se arrepende" e convida-o ao remorso, ao qual o personagem já não consegue mais atender. Ao assassinar sua dualidade, tanto a parte negativa quanto a positiva de sua personalidade, ele acaba aniquilando a própria existência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A busca pela beleza eterna desperta em Dorian Gray a excessiva ganância pelo prazer, sem considerar os outros à sua volta, causando-lhes danos terríveis. Porém, nada de ruim acontece ao personagem, e sim, à pintura, permitindo que Dorian viva sem ser punido por seus atos. Dessa forma, ele trouxe mais infortúnios, decepções e até morte para aqueles com quem estava associado.

Contudo, o que se pode analisar é que essa vida extravagante trouxe melancolia e solidão a Dorian Gray, fazendo-o se arrepender, mesmo que brevemente, e tentar compensar o mal que causou a si mesmo e aos outros. No entanto, a degeneração interior estava já num ponto extremo, ponto este que compeliu Dorian a um fim trágico: matar-se, ao apunhalar seu retrato, única testemunha dos seus crimes. Resultado inescapável a todo que tenta matar a própria alma que denuncia uma consciência corrupta.

Ao final deste trabalho, pode-se argumentar que embora a beleza e a juventude possam ser consideradas maravilhosas, aliadas ao exagero e à busca insaciável do prazer, podem trazer consequências nefastas para quem as busca e valoriza.

Desse modo, em O Retrato de Dorian Gray, Oscar Wilde alerta para os perigos contidos na beleza e de como essa pode comprometer uma alma humana. E, mais do que isso, demonstra que por trás de toda aparência existe uma figura emblemática em cujo rosto se mostram chagas e feridas.

## **REFERÊNCIAS**

BAYARD, J. P. **Histórias das lendas**. Difusão Europeia do Livro, 1957.

CASCUDO, L. **Lendas brasileiras**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.



DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral.** São Paulo, Martins Fontes, 1989.

ELIADE, M. **Aspectos del mito.** Paidós, 2000.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Organização, introdução e revisão de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, v. 2005, 1979.

GONÇALVES, A. O fenômeno do duplo em o Retrato de Dorian gray, de Oscar Wilde. **Revista Virtual de Letras**, v. 04, nº 01, 2015.

HOBBSAWM, E. **Age of revolution: 1789-1848.** Hachette UK, 2010.

JESUS, P. H. M.; DRAVET, F. M. “Narciso acha feio o que não é espelho”: Selfie e narcisismo, uma busca pelo eu? XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, 2015.

LOPES, Carlos Renato. Em busca do gênero lenda urbana. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 8, p. 373-393, 2008.

MALINOWSKI, B. **Magic, Science and Religion.** Boston, Mass.: Beacon Press, 1998.

MONTEIRO, M. C. Figuras errantes na época vitoriana: a preceptora, a prostituta e a louca. **Fragmentos: revista de língua e literatura estrangeiras**, v. 8, n. 1, 1999.

QUADROS-ZAMBONI, A. Não existem livros morais ou imorais: hedonismo, subjetividade e sociedade em o retrato de Dorian Gray. **Revista Versalete**, Vol. 5, nº 8, 2017.

REZENDE, S. M. **O entre-fronteiras decadentista de Drácula e O retrato de Dorian Gray.** Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2017.

ROSSI, F. S. Uma das formas do pacto com demônio: entre a oralidade e a escrita. **Revista Athena**, v. 5, n. 2, 2013.

TENÓRIO, P. O Retrato de Dorian Gray: a luta entre o Bem e o Mal no romance de Oscar Wilde e na pintura de Ivan Le Lorraine Albright. **Intersemiose, Pernambuco**, n. 3, p. 170-180, 2013.

WILDE, O. **De Profundis e outros escritos do cárcere.** L & PM, 1998.

WILDE, OsOcar. **Retrato de Dorian Gray, El.** Libresa, 2014.